



## 38º ANIVERSÁRIO ARCPA





# Plantas da Nossa Terra

## Pepino de S. Gregório



Catarina Lima

O *Ecballium elaterium*, mais conhecido como pepino de S. Gregório, é uma planta pertencente à família das Cucurbitaceae, família botânica com cerca de 750 espécies que inclui plantas de grande importância para a alimentação humana como por exemplo o pepino, a abóbora, a melancia, o melão e outras.

É uma espécie nativa do sul da Europa, mais propriamente da zona mediterrânica e pode ser encontrada em solos calcários, bermas de caminhos, muros e próximo de habitações.

Possui uma raiz carnuda, da qual nascem caules grossos e tenros, que não se elevam do solo (são rastejantes). As folhas, que crescem em posições alternadas, têm uma forma triangular, com dois lóbulos e em forma de coração. Crescem até 10 cm, são grossas mas tenras e de cor verde-pálido na parte superior e mais claras na parte inferior. Ao contrário de outras plantas da mesma família, os pepinos de S. Gregório não possuem gavinhas.

Os seus frutos, de cor verde, têm uma forma oblonga/cilíndrica e inclinação para baixo, e podem atingir 5 cm de comprimento; ganham uma cor amarelada quando atingem

a maturação e as flores, constituídas por 5 pétalas de cor amarela, desabroçam entre Abril e Setembro. Para além disto, toda a planta está coberta por um conjunto de pelos esbranquiçados e rígidos.

A forma como esta planta dispersa as suas sementes é muito peculiar e engenhosa: quando os frutos estão bem maduros, ao serem tocados por algum animal ou com o próprio vento, destacam-se do pedúnculo e explodem de imediato, lançando em jacto as sementes envolvidas num sumo pegajoso, cáustico (ácido) e irritante, a uma distância considerável. Em Inglês, o seu nome faz referência a esta característica, e são chamados de “pepinos explosivos”. As sementes lançadas são castanhas, ovais, ligeiramente achatadas e com 4 mm de comprimento.

Apesar de ser uma planta altamente tóxica (que não deve ser utilizada internamente), é usada externamente na medicina popular para as dores reumáticas, artroses, espondilose e sarna dos animais.

Os pepinos são geralmente recolhidos nos meses de Verão e usam-se imaturos, ou seja, antes de libertarem as sementes. Corta-se o

pedúnculo e conservam-se num frasco com álcool, onde ficam a macerar cerca de 15 dias. Depois desse período, são friccionados no local onde se sentem as dores. Este preparado dura muitos anos sem se estragar.

O sumo do fruto fresco é também utilizado no tratamento de sinusites, aplicando-se diretamente uma gota em cada uma das narinas. Os resultados obtêm-se passadas 24h, com um total descongestionamento nasal.

Por ser uma planta extremamente resistente a doenças e pragas, defende-se o seu cultivo junto das outras cucurbitáceas comestíveis (referidas acima), para que a possa proteger.

### Bibliografia:

- <http://floresdoareal.blogspot.pt/2011/03/ecballium-elaterium.html>
- <http://obotanicoaprendiznaterradosespanhos.blogspot.pt/2009/08/pepino-de-sao-gregorio-ecballium.html>
- <http://faroleco.blogspot.pt/2013/07/pepino-de-sao-gregorio.html>



**Decar, Móveis e Carpintaria**

Cozinhas | Quartos | Salas  
Parquet flutuante | Soalhos | Forros  
Todo o tipo de mobiliário por medida

Celestino Araújo Alves

278615060 | 961867993 | 912093010

Rua Tinta Barroca n.º 74 | 5140-353 Carrazeda de Ansiães



**JMLIMA**  
soc. mediação de seguros

José Lima

TM.: 91 943 55 56  
jmlima.seguros@sapo.pt  
www.jmlimaseguros.com

Rua Bombeiros Voluntários, 196  
5140-060 CARRAZEDA DE ANSIÃES  
T.: 278 616 218 F.: 278 617 953

**FICHA TÉCNICA****Nome**

O Pombal

**Propriedade**Associação Recreativa e Cultural  
de Pombal de Ansiões**Nº de Pessoa Coletiva**

500 798 001

**Publicação Registada na D.G.C.S.**

122017

**Depósito Legal**

129192/98

**Diretora**

Fernanda Natália Lopes Pereira

**Paginação e Composição**

João Miguel Almeida Magalhães

**Redação e Impressão**Largo da Igreja, 1 - Pombal de Ansiões  
5140-222 Pombal CRZ  
Telef. 278 669 199 \* Fax: 278 669 199  
E-mail: [jornal@arcpa.pt](mailto:jornal@arcpa.pt)**Home Page**<http://www.arcpa.pt>**Redatores**Tiago Baltazar;  
Patrícia Pinto**Fotografia**

Fernando Figueiredo; Eduardo Teixeira; Aníbal Gonçalves.

**Colaboradores**Vitor Lima; Fernando Figueiredo;  
Fernando Campos Gouveia; Flora Teixeira; Manuel Barreiras  
Pinto; Catarina Lima; Aníbal Gonçalves; José Mesquita; João  
Matos; Carlos Fiúza; Fátima Santos  
(Os artigos assinados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores)**Tiragem Média**

500 Exemplares

**Preço**O jornal O POMBAL é gratuito para os  
residentes em Pombal de Ansiões  
Assinatura Anual (Sócios)  
Portugal: 8,00 Euros;  
Europa: 18,00 Euros;  
Resto do Mundo: 25,00 Euros  
Assinatura Anual (Não Sócios)  
Portugal: 12,00 Euros; Europa: 25,00 Euros;  
Resto do Mundo: 35,00 Euros**Pontos de Venda**Sede da ARCPA (Pombal);  
Papellaria Horizonte; Ourivesaria Cardoso;  
Papellaria Nunes  
(Carrazeda de Ansiões)

FUNDADO EM 1 DE JANEIRO 1997

**EDITORIAL****Fernanda  
Natália**

Já alguma vez se interrogaram por que é que, de vez em quando, existem festividades, quer elas sejam passadas no íntimo dos lares, quer elas sejam vividas em comunidade?

Se estivermos atentos, verificamos que, de tempos a tempos, o nosso quotidiano é interrompido por acontecimentos que devem ser vistos como uma rutura na agitação e trabalho do dia-a-dia. Estes acontecimentos são os momentos de festa, cuja utilidade reside na possibilidade dos indivíduos se recompoem psicologicamente das canseiras provocadas pelo trabalho e até da vida social.

A festa surge como um meio de recuperar energias e permite a integração social.

O tempo de festa é um tempo curto mas vivido de forma muito intensa, marcada pelo exagero e excessos em muitos aspetos.

Tomemos em atenção o facto de que o primeiro lugar onde se privilegia a festa é o seio familiar. É aí que se desenrolam os atos mais íntimos de festividade, os quais são depois projetados para o exterior e que são redimensionados pela sociabilidade e pela partilha que estão presentes nas festas coletivas.

É verdade que pelos vestígios arqueológicos, hoje sabemos que desde sempre o Homem organizou festas. Na Pré-História, certamente que estariam ligadas a fenómenos da natureza. O Sol, terá sido o primeiro alvo de comemorações. Não será de estranhar na medida em que este astro deveria, então, suscitar um interesse muito grande pelo mistério e respeito que provocava.

A propósito de festas e dos exageros que a ela se associam veio-me à lembrança o nome de Joaquim Pedro Quintela, 1º conde de Farrobo. Grande defensor da causa liberal, o seu nome ficará sempre ligado ao grande apoio que deu às artes em geral e, em especial ao teatro. Mas também foi notável como investidor, aparecendo associado a inúmeras empresas, nomeadamente, à empresa Vidreira da Marinha Grande, à Companhia de Seguros Bonança e União Comercial, à Companhia de Vinhos do Alto Douro, à Companhia das Lezírias, aos Caminhos de Ferro do Norte e ponte sobre o Douro. Porém, parece que o seu lado que mais se destacou foi o que o ligou à organização de grandes festas. E, de tal maneira se destacou nesta área que o seu nome “Farroba” deu origem ao termo “forrobodó”, como sinónimo de festa, divertimento, tudo vivido nos limites.

Nem sempre as histórias têm um final feliz e a do Conde de Farrobo não foi exceção pois o seu gosto pelas festas sumptuosas serviram para desgastar a fortuna de família que durara dez gerações a amealhar. Mas, como dizia Fernando Pessoa “tudo vale a pena quando a alma não é pequena”. Portanto, “foram-se os anéis ficaram os dedos”, o que significa que se acabou a fortuna mas ficaram, certamente, as boas lembranças naqueles que tiveram oportunidade de ir às “farras” do Conde de Farrobo.

Afinal, há sempre algo de positivo a retirar de uma história que parece menos feliz.



# OURIVESARIA CARDOSO

de

**José Alberto Pinto Pereira**

Rua Luís Camões

Telef. 278 617 284 - 5140 Carrazeda de Ansiães



**miravet**  
PRODUTOS PARA AGRICULTURA E PECUÁRIA, LDA.

Loja 1: Rua da República nº107 • tel. 278 263 263 • fax 278 262 628 • 5370-347 MIRANDELA  
Loja 2: Rua de Stº António • Tel/Fax 278 616 515 • 5140-095 CARRAZEDA DE ANSIÃES  
ARMAZÉM: Cruzamento de S. Salvador • Tel. 278 262 855 • 5370 MIRANDELA  
E-mail: geral@miravet.eu - www.miravet.eu



syngenta  
G Carmo



STIHL  
HONDA



**Ansiães** FM 98.1

*A Rádio do seu dia a dia !*

**RÁDIO ANSIÃES, C.R.L.**

Rua Tenente Aviador Melo Rodrigues

5140-100 Carrazeda de Ansiães

Tel. 278 616 365 - 278 616 295

Fax. 278 616 725

Internet: [www.ransiaes.sbc.pt](http://www.ransiaes.sbc.pt)

E-mail: [ansiaestfm@mail.telepac.pt](mailto:ansiaestfm@mail.telepac.pt)

A Rádio Ansiães apoia a ARCPA, ciente da colaboração no progresso do concelho de Carrazeda de Ansiães.

os congelados do rauss



**noratlântico**  
Ind. e Comércio de Prod. Alimentares, Unip., Lda.

**peixe**  
mariscos  
ultracongelados  
vegetais  
conservas  
bacalhau sêco

**QUALIDADE \* VARIEDADE \* PREÇOS BAIXOS**

rua marechal gomes da costa 269 r/c - tlf. 278 618 096

**CARRAZEDA DE ANSIÃES**

(junto às traseiras do antigo centro de saúde)



**Sabemos que a sua preferência fará o nosso sucesso!**



BORGES PINTO &amp; FERREIRA, LDA.

Confeitaria e Pastelaria, Restaurante  
Snack-Bar, Salão de Chá e Café

Rua do Campo Alegre, 654  
Telefone 226 068 646  
4150-171 PORTO



Largo do Chafariz - 5070 Alijó  
Telef. 259 956 691

Rua Luís de Camões, 791 - 5140 Carrazeda de Ansiães  
Telef. 278 616 335

Av. das Amoreiras, 130 - 5370 Mirandela  
Telef. 278 265 213  
Telef. 912 224 418



Tlf.: 278 610 040 Tlm: 917 838 018  
Fax: 278 610 049 vanguardalda@gmail.com  
Delegado Centro Sul (Coimbra)  
Arq. Jaime Veiros Tlm.: 917837198

Rua Marechal Gomes da Costa, 319, 1º Dtº  
5140-083 Carrazeda de Ansiães

O Jornal **pombal**  
tem o patrocínio do



INSTITUTO PORTUGUÊS  
DO DESPORTO  
E JUVENTUDE, I. P.



## Regulamento Cedência do Salão

Sócio(a) / Filho(a) de Sócio(a) / Cônjuge

Dias	Salão	Loiças	Cozinha	Salão/Loiças/Cozinha
1	40€	15€	30€	75€
3/4	100€	40€	80€	200€

Não Sócio(a)

Dias	Salão	Loiças	Cozinha	Salão/Loiças/Cozinha
1	80€	30€	60€	150€
3/4	200€	80€	150€	300€

Obs: Para este efeito, as regalias de sócio, adquirem-se desde que se seja sócio(a) há mais de um ano, na data do pedido.

O salão deverá ser sempre pedido por escrito, com uma antecedência adequada.

Para casamentos, principalmente no Verão e datas festivas, a antecedência deverá ser, no mínimo de três meses,

Os pedidos serão objecto de apreciação e decisão, por ordem de chegada. Sempre que os pedidos sejam coincidentes, os sócios terão preferência sobre os não-sócios.

## Ex.mo(s) Senhor(es) Associados/Assinantes

Caso pretendam receber o jornal, deverão recortar/copiar e preencher a Ficha de Assinatura abaixo e enviá-la para a ARCPA, com o respectivo meio de pagamento ou comprovativo de transferência bancária dos valores indicados, para as seguintes contas:

Caixa de Crédito Agrícola Mútuo (C.a Ansiães) - NIB - 0045 2190 40052054541 39

Caixa Geral de Depósitos (C.a Ansiães)- NIB - 0035 0207 00005044030 35

JORNAL - O POMBAL

FICHA DE ASSINATURA

NOME - \_\_\_\_\_

MORADA - \_\_\_\_\_

LOCALIDADE - \_\_\_\_\_ CÓD. POSTAL - \_\_\_\_\_ - \_\_\_\_\_

PAÍS - \_\_\_\_\_

## SÓCIOS ARCPA

Assinatura anual

- 8,00 Euros PORTUGAL

- 18,00 Euros EUROPA

- 25,00 Euros RESTO DO MUNDO

## NÃO SÓCIOS

Assinatura anual

- 12,00 Euros PORTUGAL

- 25,00 Euros EUROPA

- 35,00 Euros RESTO DO MUNDO

ENVIO CHEQUE No \_\_\_\_\_ BANCO \_\_\_\_\_

VALE POSTAL No - \_\_\_\_\_

ou comprovativo de transferência bancária com a identificação do assinante

DATA - \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_ Assinatura - \_\_\_\_\_

Envie para: Jornal O POMBAL \* Largo da Igreja, 1 POMBAL

5140-222 POMBAL CRZ - CARRAZEDA DE ANSIÃES

Obs.: O pagamento deverá ser efectuado no início de cada ano.



# Portugal português, além fronteiras!



Susana Bento

Hoje quero partilhar convosco dois filmes, um documentário e uma longa-metragem, bem como rádios portuguesas que podem escutar através da internet. Isto acontece-me fazer por ser meu hábito, aqui na Áustria, recorrer a este tipo de coisas que me fazem recordar quem sou e de onde venho e me proporcionam a possibilidade de escutar a minha língua-mãe, o português. Mas também porque me irritou um episódio esta quarta-feira aqui em Linz. E como qualquer irritação, ela traz reacções. E aqui estão duas delas, a criatividade para vos escrever de novo e a partilha. Esta quarta-feira uma amiga da que foi a minha Universidade aqui teve uma prova de piano e eu fui escutá-la. Era pelo meio-dia, de modo que o professor dela, meu conhecido e amigo também, nos convidou depois da prova para almoçar no Frédéric, o cozinheiro francês da Universidade. Lá almoçámos e, com o aproximar do início do semestre, também alguns professores se juntaram àquele espaço de pausa e sossego das barrigas. Foi então que reencontrei a ex-tutora da minha tese final de 2012, também ela professora universitária de piano. A senhora é austríaca, vive em Viena, penso, e ao rever-me questionou-me de novo (e de novo cometeu o erro de história) sobre a minha presença ali, pois achava que eu estaria já por “Espanha”... Ora, não há duas sem três e mesmo sem saber ao certo agora se as anteriores vezes contam apenas duas (de tal modo recordo o erro dela), à terceira, foi de vez! Eu, que já tinha estado a remoer esta antes e a analisar o caso, agora tinha a resposta bem

prontinha debaixo da língua: “Es ist nicht Spanien, ich bin Portugiesin, Portugal ist nicht Spanien!!!”, ou seja, “não é Espanha, eu sou portuguesa, Portugal não é Espanha!!!” Ela pensante, por fim, disse “pois, nós também não somos alemães nenhuns...” E eu então disparei a que tinha há tanto preparada, apontando o facto de eu ser bem mais portuguesa que ela austríaca! Pois que falo português e ela fala alemão!!!

... Mas deve haver aqui algum compromisso de identidades porque quando estou por Portugal, quantos não me perguntam sobre viver na Áustria, “como são os australianos?” Meus caros, história e geografia! A lição é para todos, letrados e não-letrados, pois às vezes, nem ser professor universitário empresta vantagem! Então eu esclareço: Áustria é na Europa e Austrália é na Oceania! Talvez vos possa ajudar saber como se designa este país (Áustria) na língua deles (já agora deixem fazer a piadinha: a língua alemã!). A designação deles para o nome do país é Österreich, que eu costumava traduzir por Reino Mais a Este. Esta designação deriva do antigo alemão alto Ostarrîchi que, por sua vez, se pensa ser a tradução da designação latina Marchia Orientalis para dialecto local. Ora esta Marca Oriental foi atribuída no tempo do Império Romano, em 976, para demarcar a sua terra mais a leste na fronteira com o Império Húngaro.

Continuando a história da minha irritação. Tudo tem um sentido: não fora eu ter tido aquele reencontro, eu não teria visto o filme que vi na sexta-feira e não

estaria a escrever hoje, domingo. O facto da minha professora voltar a cair no erro miserável de me identificar com Espanha e não com o meu país, Portugal, fez-me chegar a casa e tentar encontrar alguns vídeos para lhe enviar. Cheguei assim à maravilhosa longa-metragem de Manoel de Oliveira, homenageada pelo júri de Cannes no ano de 1990: “Non, ou a Vã Glória de Mandar”. “Non” referente à obra do Padre António Vieira, a tal palavra que tem força de trás para a frente e de frente para trás. N-O-N. “Terível palavra é um NON, não tem direito nem avesso, por qualquer lado que o tomeis, lido do princípio para o fim ou do fim para o princípio, sempre é NON.” Segundo António Vieira ainda, “o NON mata a esperança, que é o último remédio que deixou a Natureza a todos os males.” Assim, fico com a esperança que non mate também o erro que tem mantido aquela minha professora na sua pasta pessoal de história mundial!

O filme pode ver-se pela internet aqui: <http://www.youtube.com/watch?v=rseUK79x-vs>

O outro filme que quero partilhar chama igualmente a atenção do papel de Portugal no mundo. É um documentário sobre Agostinho da Silva, ele que também foi mestre e levou o português além fronteiras, trazendo ainda outras fronteiras ao português de volta com, por exemplo, as inúmeras obras que traduziu das várias línguas que dominava. Era, como um ilustre lhe chamou, “um verdadeiro príncipe renascentista”, um faz-tudo do seu tempo tão próximo ainda: o, também nos-

so, século XX. Este documentário pode ver-se na internet aqui: <http://www.youtube.com/watch?v=cRF9GcgivRE&feature=youtu.be>

E, por fim, para que fiquem com o gostinho bem português da nossa língua e música, sempre que gostarem poderão escutar rádios portuguesas no link seguinte: [http://delicast.com/radio/Portugal/RDP\\_Antena\\_2](http://delicast.com/radio/Portugal/RDP_Antena_2)

Eu tenho esta lista programada para a Antena 2, mas podem com ele aceder a todas as rádios e mais algumas pelo país fora. Quando abrem, podem clicar na Antena 2 e será aberta uma janelinha que sempre podem manter aberta e minimizar para não incomodar no resto do trabalho ao computador. Esta janela tem as várias opções das diferentes Antena 1, 2 ou 3 a poder escutar-se pela internet. Hoje atrevi-me a ouvir a Antena 1 Memória, enquanto escrevo este artigo. Deve ter sido por chamar ao presente a memória do passado português. E não me arrependi, é divertido escutá-la! Sobretudo os anúncios antigos, que não sei se ainda terão alguma validade hoje em dia...

E como canta no momento o nosso querido Zeca, espero que vos tenha acordado para algumas questões em que nunca tenham reflectido e que, sobretudo, vos tenha animado com este artigo, pois “o que faz falta é animar a malta!... e quando dizem que isto é tudo treta, o que faz falta é agitar a malta, é o que faz falta! o que faz falta é libertar a malta, é o que faz falta!”

Um abraço deste reino mais a este.

## TEPO – Teatro de Pombal de Ansiões Aniversário da ARCPA

Domingo, 22 de setembro de 2013.

O dia começou cedo para todos os que estavam envolvidos na estreia da peça de teatro “A Princesa Mascarada” reunindo-se no Pombal para fazer os últimos acertos mas, sobretudo, para poderem conviver e, deste modo, aliviar a tensão natural de qualquer ator próximo de uma estreia. O almoço em comum foi a melhor estratégia para criar um ambiente de boa disposição. A hora aproximava-se e pressentia-se algum nervosismo disfarçado por gargalhadas sonantes e picardias próprias da idade dos que iam atuar.

A sala estava cheia, provando que o teatro continua a ser muito apreciado pelas pessoas do Pombal, embora, justiça seja feita, já é costume responderem deste modo a qualquer tipo de atividade cultural.

A sala escureceu, as expectativas e o nervosismo cresciam. O palco iluminou-se e todas as falas foram escutadas com muita atenção. Os olhos concentraram-se no primeiro cenário onde aparecia uma moça de cara tapada com uma máscara e que seria nela que se acabaria por concentrar toda a trama da peça.

O público vibrava com a interpretação dos jovens atores, ria-se pelo cómico de linguagem e de situação. E, foi num crescendo que foi aumentando a curiosidade sobre o desfecho da história.

Os aplausos vigorosos do final premiaram o empenho e a dedicação de atores, ensaiadora, do responsável pelo som e luz, pelo criador dos cenários, pelas aderecistas. Todos foram merecedores do reconhecimento do público presente.

Não é exagero dizer que os jovens atores se portaram ao mais alto nível, dignos de virem a representar noutros palcos, quiçá, dando a conhecer o seu desempenho a um público mais abrangente dentro e fora do concelho. E, se isso vier a acontecer, deixo uma recomendação: não percam a oportunidade de verem um jovem elenco com muito talento representando uma história divertida!

**Fernanda Natália**



## LIVRE PENSAMENTO



**João Matos**

Existem muitas correntes de pensamento. A grande parte delas obriga-nos a pensar segundo determinados cânones, coarctando-nos assim a nossa liberdade de análise e obrigando-nos a decidir limitados pelo nosso ângulo de visão.

Mas será possível uma liberdade total de pensamento e de acção? Não estaremos nós sujeitos a muitas limitações?

O nosso cérebro não estará, à partida, sujeito à estrutura das suas células na capacidade de discernimento e decisão? O seu hardware não limitará as nossas capacidades de inteligência, memória, visão, audição? Acaso poderemos dizer que os cérebros, à partida, são todos iguais?

Dito ainda duma maneira mais ousada: será o cérebro um apoio da alma, que é igual em todas as pessoas?

E a vivência de cada um afecta ou não a igualdade de todas as almas? A família, o meio social, a educação dão a cada um de nós uma liberdade diferente? A convivência com os nossos pais, com os nossos irmãos e as pessoas que encontramos na vida deixam incólume a pressuposta igualdade à partida?

Parece que à medida que avançamos na nossa existência, com a aquisição de uma religião específica, de um ideal político próprio, de um peculiar humanismo, passaremos a ser diferentes uns dos outros, com modos próprios de pensar e agir e, em consequência, com juízos de valor também diferentes.

E como poderemos manter a nossa liberdade de pensamento e de acção durante toda a nossa vida?

Talvez optando por um caminho ousado de incertezas e de recusa de ideias feitas.

Uma pessoa toma conhecimento de todas as ideias e de todos os caminhos. No momento de decidir opta por um pensamento e uma acção. Logo a seguir, faz um esforço no sentido de a decisão não deixar marcas, a fim de permitir poder manter na próxima ocasião uma liberdade total de análise e de decisão. A esta luz, a coerência não tem sentido porque se traduz numa prisão a uma decisão tomada. Também aqui não têm sentido peias próprias dos cerimoniais e rituais que enquadram as tomadas de posição dos maçons, nem o secretismo próprio desta e de outras seitas.

O livre pensamento implica, pois, uma abertura total de tomadas de posição e decisão, abertura que se fecha no momento em que se faz a escolha, mas que volta à abertura inicial, logo que um problema fica, com maior ou menor acerto, resolvido.

Esta atitude carrega consigo uma capacidade enorme de entendimento dos outros, um debate aberto e leal com os outros e que só momentaneamente se fecha na altura da necessidade de agir e avançar.



## Pombal abriu centro de fisioterapia para servir melhor a população

O Centro Social e Paroquial de Pombal de Ansiães inaugurou, no passado domingo, um centro de fisioterapia que pretende dar resposta à freguesia mas cuja ação pode estender-se a todo o concelho de Carrazeda de Ansiães. O centro fica a funcionar numa das alas da antiga escola primária, fruto de um contrato de comodato assinado com a Junta de Freguesia.

O padre Humberto Coelho, presidente do Centro Social e Paroquial de Pombal de Ansiães, explica que a esmagadora maioria da população já tem alguma idade, pelo que “houve necessidade de criar este serviço para favorecer a autonomia das pessoas, nomeadamente das que estão no lar”.

in “Mensageiro de Bragança”



### CONTACTOS ÚTEIS

Carrazeda de Ansiães

**Câmara Municipal:**

Telef. 278 610 200 Fax. 278 616 404

**Bombeiros Voluntários:**

Telef. 278 616 104 Fax. 278 615 186

**Guarda N. Republicana:**

Telef. 278 610 020

**Centro de Saúde (Urgência):**

Telef. 278 610 050 Fax. 278 616 706

**Sta Casa da Misericórdia ( Lar de Idosos ):**

Telef. 278 616 747 Fax. 278 616 748

**Águas de Carrazeda(Serviços de Águas e Saneamento ):**

Telef. 278 617 736

**Farmácia Rainha:**

Telef. 278 616 250

**Farmácia Veiga:**

Telef. 278 617 119

**Caminhos de Ferro (Estação de Tua ):**

Telef. 278 685 177

**Direcção Regional de Agricultura:**

Telef. 278 616 361

**Escola de Condução:**

Telef. 278 616 278

**Escola E-B-2,3 ( Escola Secundária ):**

Telef. 278 618 190 Fax. 278 618 198

**Centro Regional de S. Social:**

Telef. 278 616 147 Fax. 278 616 251

**Conservatória Predial e Civil:**

Telef. 278 616 164 Fax. 278 615 327

**Cartório Notarial:**

Telef. 278 616 141

**Serviço de Finanças:**

Telef. 278 616 236

**Tesouraria da Fazenda Pública:**

Telef. 278 616 461

**Centro Social e Paroquial de Pombal (Lar de Idosos):**

Telef. 278 669 315

## Anúncio de Estágio Profissional para a ARCPA.

Encontram-se abertas candidaturas para realização de Estágio Profissional na ARCPA, com duração de 12 meses.

Os interessados deverão enviar candidatura para o email da Associação - geral.arcpa@gmail.com.

### Requisitos:

Ter até 30 anos.

Não ter feito descontos nos últimos 12 meses.

Conhecimentos informáticos comprovados.

Residência próxima do local de trabalho.

Anúncio valido até 25 de outubro.

**SERRALHARIA A NOVA**  
De: Albino Augusto Carvalho  
— FERRO E ALUMÍNIO —

Zona Industrial, Lote 6 \* Tel/Fax 278 615 268  
Tlfo: 917 601 847 \* 5140-105 CARRAZEDA DE ANSIÃES

O NOVO

**TALHO NOVO**



**talhonovo@hotmail.com**  
**Carrazeda de Ansiães**



# Festas do Cruzeiro 2013



Margarida  
Almeida



Como foi oportunamente divulgado, tiveram lugar no passado sábado, 07/09/2013, os festejos comemorativos dos cento e cinquenta anos do Cruzeiro de Codeçais. Quero aproveitar este espaço que o jornal de “O Pombal” me concede, para dizer um muito obrigada a todas as pessoas que de uma forma ou outra contribuíram para que os mesmos fossem conseguidos, de uma forma tão invulgarmente maravilhosa.

Obrigada por todo o esforço, pelas refeições que não fizeram com a restante família, pelas noites mal dormidas, pela dedicação e afincos, enfim por toda a vossa garra. Sim garra!..., pois sem essa vossa garra e determinação não seria possível levar a bom termo um sonho tão maravilhoso. Numa terra tão pequena e por demais desertificada, onde os recursos humanos e materiais já são cada vez mais escassos, o vosso feito vai ser lembrado enquanto houver um único habitante neste pequenino quinhão.

Todo o programa foi religiosamente cumprido, até aquilo que inicialmente não fazia parte do mesmo, exemplo da alvorada de bombos, que de uma forma tão simples

e alegre, despertou toda aldeia para um dia repleto de emoções. A recriação das artes e ofícios, que outrora fizeram parte do quotidiano dos nossos queridos e saudosos antepassados. O coro com toda a sua simplicidade e bucolismo, preparou o nosso espírito para a parte religiosa que se aproximava. Quanto a esta parte há que referir o pormenor da organização da procissão, desde o transporte dos andores às alfaías religiosas, à imponente saída do nosso ex-libris, a majestosa imagem do Sagrado Coração de Jesus, foi tudo perfeito. Na celebração tivemos a presença dos reverendos senhores padres, Bernardo, Belmiro e Humberto. Aqui, perdoem-me, mas não posso deixar de referir a “nossa” querida Isabelinha que nos brindou com os seus simples e oportunos versos, e o encerramento da celebração com os simbólicos versos da nossa querida Sra. Alzira. O rancho folclórico de Freixiel também esteve muito bem, o fogo foi espetacular e também o conjunto para quem quis e teve disposição de se divertir.

Depois de tudo que acabei de enumerar, perdoem-me se me esqueci de alguma coisa, pergunto-me, será que daqui

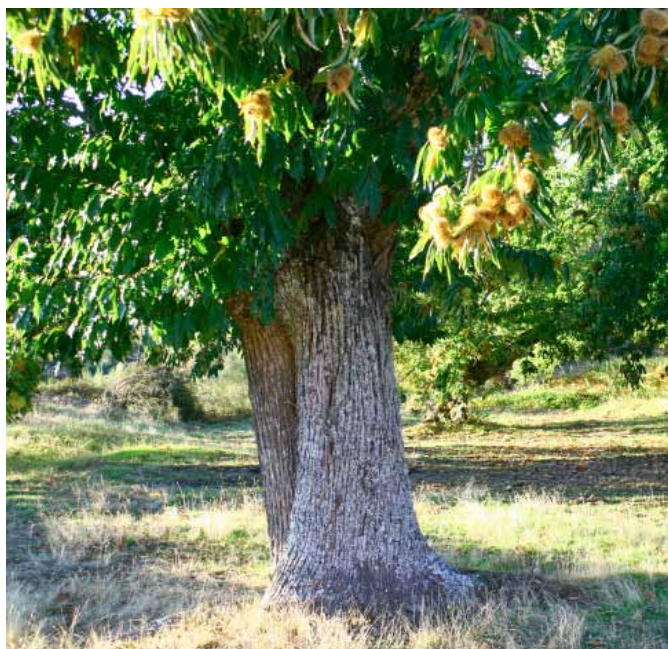
a cinquenta anos vai haver alguém neste querido cantinho capaz de tamanho feito? Vamos ser otimistas, porque depois de toda esta festa maravilhosa conseguida por pessoas maravilhosas, resta-nos acreditar e deixar um grande bem-haja a todos os que acreditaram que com fé e muita luta tudo se consegue. Bem-haja a todos e as maiores Bênçãos para vós e todos os vossos.





# OS CASTANHEIROS DA MINHA ALDEIA

por Aníbal Gonçalves



Nos dias 28 e 29 de agosto um enorme incêndio devastou uma vasta área no termo dos concelhos de Vila Flor e Carrazeda de Ansiães. Teve início junto à aldeia de Samões, escalou os vales da Cabreira e Pelão, vindo ferir de morte um bocado de chão que me é muito querido, na minha terra natal, Zedes.

A aldeia tem sido castigada pelos incêndios, ano após ano e a única área que alegrava a paisagem vestiu-se de negro nesses dias e não sei quando voltará a mostrar o seu encanto, ou se voltará mesmo a ser o que era.

A devastação de grandes áreas, mesmo que de mato, tem consequências incalculáveis, para os residentes, em primeiro lugar, mas também em larga escala, porque a Terra que habitamos é poderosa, mas o seu equilíbrio é frágil. É certo que, mal cheguem as primeiras chuvas, que ameaçam chegar a qualquer instante, a erva fresca vai brotar, as giestas, os sargaços, as carquejas, as urzes e arçãs vão recuperar pouco a pouco. Os pinheiros e carvalhos, alguns sobreiros, pode ser que daqui a algumas décadas voltem a dominar as paisagens, que alegrem o meu olhar quando me debruçar nos rochedos do Pé-de-Cabrito a admirar o vale da Cabreira, tentando voar até à Serra Tinta ou mesmo até ao Cabeço, de onde já se avista terra mais Quente, mais apaziguada e seca. Mas há

uma perda que nunca vai ser reparada: arderam os velhos soutos, queles que durante anos, quem sabe mais de um século, nos viram nascer e assistiram ao nosso crescimento; alimentaram a nossa fome, coloriram a nossa fantasia, conheceram os nossos avós, os nossos pais, mas não vão conhecer os nossos filhos ou netos.

Os castanheiros eram um dos elos mais fortes que me uniam à terra. Todas as vezes que a visito qualquer desculpa é boa para me perder no meio daquelas árvores que não vi crescer, porque sempre foram assim. E por detrás delas via sair rostos, com o balde numa mão e o martelinho de madeira na outra. Rostos que só encontrava nos soutos do Vale, do Trugano ou nos Brunhais. Cada árvore tem uma história, história de família, porque passavam de pais para filhos, eram divididos pelos herdeiros de tal forma que o terreno é de uma pessoa mas cada castanheiro tem um dono diferente.

Desde a mais tenra idade que me habituei a ir apanhar castanhas. Havia que chegar cedo porque os castanheiros estavam muito próximos e aos seus ramos sobrepunham-se. Quem chegasse primeiro sempre apanhava as suas e alguma do vizinho que ultrapassasse a fronteira invisível marcada pelos tempos e religiosamente respeitada (nem sempre



por todos).

Mas o soto era também lugar de evasão, de brincadeira, de encontro com os amigos. No outono as tardes de domingo eram invariavelmente marcadas por uma visita aos castanheiros. Faziam-se fogueiras nas lajes graníticas, algumas antigas eiras onde os malhos já não entravam, colocavam-se as castanhas numa cama de agulhetas ou de fiteiros, cobertas por giestas, algumas verdes, porque nos alegrava ver o fumo subir e redopiar no ar. Servia também para marcar o território porque, não muito longe dali, outro grupo poderia estar a fazer o mesmo e a nossa fogueira tinha que ser maior.

Quando as castanhas já estouravam nas brasas o mais inocente do grupo, quase sempre um amigo da cidade que estava de visita, corria até ao ribeiro mais próximo para molhar a giesta, que deveria trazer a escorrer água, para diminuir o calor das brasas. Como se tratava de amigos nunca os deixávamos ir muito longe, porque quando voltassem com a giesta já não haveria castanhas para comer.

Era também nestes encontros, onde quase sempre só os rapazes tinham lugar, que se experimentavam as primeiras passas num cigarro ou se sentia o cheiro (e não só) da aguardente, tirada à socapa do garrafão lá de casa e escondida à custa de muita ardileza até ao momento solene, junto à fogueira do magusto. Nos sotos cresciam cogumelos de muitas formas e cores. Aprendi a distinguir os rocos, os tantulhos, as vaquinhas e fêveras que cresciam a tamanhos descomunais, chegando a encher uma cesta. Que manjares fazíamos com eles!

Ainda agora quando visito a aldeia em época certa percorro os sotos em busca de rocos e vaquinhas e volto a sentir-me criança. Conheço cada tronco, cada raiz, cada toca; sei onde o micélio se esconde e onde a “língua de vaca” vai crescer. Sinto a companhia dos meus colegas de escola quando percorro os sotos. Alguns já partiram, infortúnios, outros também partiram mas para novas paragens terrenas, onde sentem como eu, talvez até com mais força, muitas saudades dos castanheiros. Muito poucos ficaram ... No final do Outono era o colorido

das folhas que me atraía. Os sotos são lugares mágicos, cheios de cores e de formas, onde a idade das árvores inspira calma, confiança, firmeza. Mas quando chega o inverno os sotos tornam-se misteriosos. Os troncos idosos, alguns ocos, preenchidos com pedras, têm silhuetas assustadoras, auxiliadas pelo canto gélido dos mochos e corujas que procuram as tocas dos castanheiros para seu abrigo.

Mas o ciclo não para e de novo vinham as folhas as flores, os ouriços e as castanhas. Com as folhas costuradas com pequenos paus fazíamos sandálias, cintos, fitas para a cabeça engalanadas com “penas” e longos cabelos (de folhas) que caíam pelas costas.

Agora estou com um problema. Como é que eu vou voltar à minha aldeia sem castanheiros? Quem me vai fazer sentir criança? Onde vou apanhar castanhas e arrancar uma vaquinha do tronco? Onde vou procurar as cores do outono? Como é que vou ver os espaços onde viviam árvores gigantescas, como o desaparecido castanheiro na Barca, onde dizem que virava uma junta de bois jungidos no seu interior, agora cheio de esqueletos negros olhando o céu? Não sei se vá. Talvez seja melhor esperar as primeiras chuvas. Talvez ainda haja alguma esperança. Talvez as sementes que os gaios esconderam debaixo das fragas do Pinheiro, na Lameira ou nos Brunhais germinem numa explosão de vida e na próxima primavera eu possa consular a mágoa com as jovens plantas. Ou então... talvez seja melhor eu ir agora. Não quero que os moribundos castanheiros sintam a minha falta. Se sempre estive com eles, não posso abandoná-los agora.

Vaquinhas – Também conhecidas como línguas de vaca, são cogumelos da espécie *Fistulina hepática*.

Rocos – também conhecidos por frades, são cogumelos da espécie *Macrolepiota procera*.

Tantulhos – cogumelos; o mesmo que tortulhos.

Trugano, Brunhais, Lameira, Vale, Pé-de-Cabrito, Cabreira – São locais no termo de Zedes.

Pelão, Cabeço, Serra Tinta – São locais no termo do concelho de Vila Flor.





# Figuras e Factos



Fernando Figueiredo

## POR TIMOR

(Ainda a propósito da recente deslocação a Timor)



### Por Timor, três vezes já chorei...

*Em 1991,*

Como tantos dos meus concidadãos e gente de todas as latitudes,

Perante as brutais imagens que chegavam a Portugal e ao mundo, do massacre do Cemitério de Santa Cruz, em Díli...

*Em 1999,*

Como milhares de Portugueses e estrangeiros,

Quando, novo massacre sobre os Timorenses chocava todo o mundo

E exibia a raiva feroz de quem perdia, em Referendo, uma presa que parecia fácil...

*Em Junho de 2013,*

Quando visitei Timor e, ex-

pressamente, me desloquei a Santa Cruz, para prestar uma singela homenagem aos mortos de 1991, e tentar compreender o que então ali ocorrera, pois as imagens estavam ainda bem presentes na minha memória. Por ele deambulei, várias vezes parei, mas foi junto à entrada que me detive mais tempo e fiz o meu ponto de observação. Tinha sido ali que as imagens de 1991 nos mostraram gente a fugir à repressão e a morrer...

### Algumas vezes mais, me emocioniei...

*Em Junho de 2013:*

Quando, pela primeira vez, avistei a terra de Timor, estando prestes a realizar um sonho,

cumprir um dever, ansioso por tocar aquela terra e contactar as suas gentes...

No complexo emaranhado dos cafezais de Ermera e Aileu, tornado insignificante perante as enormes albízias (árvores sombreadoras do café), que reflectem o esforço de quem as plantou e tratou.

Nas montanhas de Maubisse, no centro do país, a 2000 metros de altitude, rodeado de uma paisagem majestosa e deslumbrante, e vislumbrando, ao longe, as proximidades do monte Ramelau, em sinal de respeito e de humildade pela força e grandeza da Natureza.

Em Manatuto, Laleia e no planalto de Baucau, na metade leste do país, percorrendo a estrada e atravessando antigas pontes e

caprichosas ribeiras, que cortam arrozais que se estendem planos e confinam com as matas, fazendo sobressair montanhas de raro recorte e beleza.

Entre Laga e Baguia, também na parte leste, perante paisagens variadas e singulares, e realizações incessantes do esforço humano, às vezes por tão magra retribuição, em socacos que fazem lembrar a minha também laboriosa e linda região duriense.

Na vila de Maubara, a oeste, junto à praia, parecendo ouvir sussurros de um mar calmo, mas carregado de passado, repleto de encontros e desencontros com a História. Dentro e sobre as muralhas da velha fortaleza, que recorda dissensões antigas entre colonizadores (portugueses e holandeses), mas tornada agora o





centro de um inovador projecto de cooperação portuguesa: Mós Bele (Nós podemos).

Em Dare, localidade sobranceira a Díli, a partir da qual pude apreciar o majestoso e incisivo nascer do sol, que facilmente associei ao nome do país (do sol nascente) e a todo o processo que o fez surgir enquanto tal.

Na própria capital, Díli, sentado no muro da marginal, a deslizar o olhar por um mar sem ondas, em contraste com tantos momentos agitados, ocorridos nele e em seu redor, mas onde os barcos repousam agora tranquilamente; e, principalmente, no lindo e aprazível Largo de Lecidere, onde passei alguns fins de tarde, a filmar e a fotografar sobretudo o pôr-do-sol, e também a observar as pessoas e os seus movimentos, principalmente a juventude, que permanentemente dele desfruta, parecendo alheia a todo o passado e apenas virada para o futuro.

Na UNTL (Universidade Nacional de Timor Lorosae), quan-

do proferi uma conferência sobre o Café de Timor, perante uma plateia diversificada: Portugueses, Timorenses e Brasileiros, havendo sido por todos bem acolhido e até acarinhado. Ao ser recebido pelo reitor em exercício, a quem tive o prazer de oferecer um exemplar do meu livro: Timor: A Presença Portuguesa (1769-1945), que espero seja apenas o primeiro de outros mais.

Um pouco por todo o lado, ao ver tremular a bandeira rubro-negra e amarela deste novo país do século XXI, tornada símbolo de esperança, depois de tanto sangue derramado.

Ao deixar Timor e, durante algum tempo, poder distinguir ainda lugares visitados, a linha da costa, paisagens já difusas daquela terra tão distante, que se me tinha tornado perto e de novo ia ficando cada vez mais longe...

Verdadeiramente, emocionei-me muitas vezes, dificilmente me contive e expressei-o à minha maneira.

Em Timor, vi, observei, pro-

curei, descobri, certifiquei-me, registei, surpreendi-me, desiludi-me também... Do que vi e senti, não gostei sobretudo da excessiva burocracia administrativa e da exibição de alguns aspectos associados ao novo-riquismo. Ambos me surpreenderam. A primeira, achei-a desnecessária e comprometedora do desenvolvimento pretendido; os segundos, pareceram-me deslocados e quase ultrajantes para a grande maioria da população, composta de gente simples e que vive feliz com pouco.

Foram, pois, várias as sensações sentidas na visita a esta terra ainda por mim desconhecida, apesar de há muito estudada.

Após esta emocionante e fantástica experiência, de carácter sobretudo profissional, mas também afectiva, senti que fiquei:

Mais enriquecido com algum conhecimento daquele “outro”;

Mais consciente do grande desconhecimento acerca “dele”;

Mais tranquilo para relativizar problemas e dificuldades, pró-

prios e alheios;

Mais preparado para valorizar o pouco que tenho e esquecer o muito que poderia ter;

Mais humilde e generoso na partilha destes sentimentos.

Por tudo isto e muito mais... Valeu a pena!

NOTA: Gostaria que esta narrativa aberta e franca, como habituei os leitores, fosse entendida como um pretexto para falar mais um pouco da linda e martirizada terra de Timor e da sua nobre gente, e não como manifestação ou exibição pessoal, do que quer que seja. Não preciso, nem há necessidade!

Se houvesse dúvidas a este respeito, alguns (sobretudo jovens) poderiam testemunhar como os tenho incentivado a partilhar connosco, no nosso jornal, experiências semelhantes, porventura bem interessantes e enriquecedoras para todos. Aqui fica, de novo, o repto. Meus caros: Se tivéssemos receio da língua afiada dos maldizentes de serviço, que normalmente não arriscam nada e nada perdoam aos outros, então também quase nada nos distinguiria deles. Quem não deve, não teme! Partilhem, ainda que isso vos pareça um risco!

# 38º Aniversário da ARCPA



Tiago Baltazar

Decorreu neste mês de Setembro a celebração do trigésimo oitavo aniversário da A.R.C.P.A.

Como habitualmente uma missa rezada pelos associados que já não estão entre nós marcou o início do programa de aniversário. A celebração teve lugar na igreja de Pombal no dia dezoito.

No sábado seguinte, uma sardinhada e umas fêveras, culminadas com um caldo de cebola deram continuação ao programa. Para muitos foi chegar das vindimas e ir para a festa. Pelo bom que foi esta merenda ajantarada a noite prometia. O ambiente estava, portanto, animado e com um espírito de boa disposição que já é habitual nos aniversários da ARCPA.

Já bem compostos de barriga, chegou a hora de gastar as calorias no baile abrilhantado pelo duo *Ricky & Sá*, conjunto este que chegou de Carrazeda. Um teclado e um baixo são meio caminho andado para a festa começar. Durante o baile e antes de ser servido o bolo de aniversário foi feito um sorteio de umas rifas que foram previamente vendidas. Deste sorteio saiu o terceiro prémio ao associado Fernando Almeida, uma garrafa de vinho espumante; o segundo prémio a Diogo Sousa de Vila Real, uma torradeira; o primeiro e mais desejado à sócia Isabel Calvário, uma máquina de café.

O momento mais esperado da noite aproximava-se a passos largos. Chegou então a hora de todos, afinados cada um em sua nota, cantarem os parabéns à ARCPA. O bolo, esse teve um curto período de duração e ainda ia sendo empurrando por um copo de vinho espumante.

No domingo à tarde o grupo de teatro infantil da ARCPA teve o seu tempo para terminar a festa. Uma peça tão bem adaptada pela actual directora do Jornal, Fernanda Natália e muito bem ensaiada pela amiga da casa, a *Nanda*, fez a delícia dos presentes. Ma o grande agradecimento tem que ser para os jovens que levaram a cabo a personificação dos papeis. Registo o facto deste grupo de teatro da ARCPA contar com alguns amigos vindos de outras localidades. Para uns não terá a mesma piada, mas vendo bem as coisas também mostra que a ARCPA vai além da sua naturalidade e que, muito bem, proporciona a cultura a quem estiver disposto a promove-la. Além de mais, quantos de nós não trabalhamos fora da nossa terra natal e não somos menos pombalenses por isso? Deixo também um apelo, mais um, a todos os jovens para participarem no que a ARCPA oferece.

Até para o ano!





# Política nacional: conversa de surdos

por: Fernando Gouveia

Estamos no meio do período oficial da campanha eleitoral para as eleições autárquicas e o menos que se pode dizer é que a campanha é tudo menos esclarecedora. Há várias razões para a confusão dos discursos, o desvio das estratégias partidárias e as tendências da comunicação social.

Antes de mais, estas eleições ocorrem no meio da tormenta sem precedentes provocada pelo resgate da economia portuguesa e a consequente tutela de três entidades externas, que se decidiu designar por Troika. As consequências do programa imposto, que o governo tem seguido com enorme sentido de obediência e igual insensatez política, têm produzido efeitos devastadores a nível social e não melhoraram os indicadores que foram a causa da intervenção externa, a saber, o défice público e a dívida pública.

Em segundo lugar, houve modificações legais recentes, quer no quadro autárquico quer na limitação do mandato de certos cargos. Se a fusão de freguesias diminuiu o número de autarcas a eleger, não contentou todas as comunidades, fortemente ligadas a identidades locais próprias e a algumas animosidades entre vizinhos. Por outro lado, a limitação dos mandatos de presidentes de câmara e de junta de freguesia, objecto de monumental controvérsia e de decisões judiciais contraditórias até às decisões do Tribunal Constitucional, deu origem a jogos de poder entre notáveis dos partidos, optando uns por se candidatar a municípios diferentes e decidindo outros, com algum desencanto e a mesma dose de oportunismo, desligar-se dos Partidos que os marginalizaram, para lhes disputar o eleitorado na qualidade de independentes.

Acresce a tudo isto a disciplina imposta pela Comissão Nacional de Eleições a alguma comunicação social, no sentido de dever tratar igualmente todas as candidaturas, o que, no entender desta, ofende os critérios jornalísticos.

Podemos afirmar que estes três temas têm ocupado mais espaço de debate do que a discussão do mérito das candidaturas e dos seus programas ou das estratégias necessárias para desenvolver a acção autárquica de modo a fomentar o progresso das populações. Mas a agitação política é visível, os dirigentes nacionais vêm a terreiro tirar as castanhas do lume e dar umas palmadinhas nas costas aos candidatos locais, que serão mais tarde chamados a molhar a camisa pelos queridos líderes nas eleições nacionais.

Assim sendo, dir-se-ia que a campanha decorre como as anteriores, pontuando nos telejornais as provocações de uns e as respostas dos adversários, os argumentos de quem governa contra os argumentos de quem pretende governar. O problema é que, mergulhado na crise, o país não vê nem ouve discutir verdadeiras alternativas, pois as verdadeiras alternativas, aquelas que consistem em o povo escolher conscientemente o seu destino, não estão na discussão pública ou são silenciadas pelos media, por serem alegadamente irrealistas ou pouco atraentes do ponto de vista “jornalístico”.

Esta dicotomia entre governantes ou pretendentes a governantes de formação liberal e as populações, agarradas ao contrato social expresso na constituição, tem provocado uma autêntica guerra institucional, que já deixou a linguagem politicamente correcta para assumir posições de aberto

confronto e rebeldia.

Quem governa em Portugal - e noutros países- já não são os representantes do povo, pois estes passaram a ser os representantes dum sistema global de governo liberal e elitista, para o qual os sistemas jurídicos nacionais, as culturas nacionais e os sistemas sociais são velharias a atirar para o lixo da história. Tudo o que seja contrariar a selvajaria do mercado global e a rápida acumulação de capital deve ser reformado, em nome de um pretensio modernismo que nos aproxima dos sistemas escravagistas.

É por isso que o governo, quando proclama como virtude sua o cumprimento das obrigações para com os credores e o desejo de regresso aos mercados, está simplesmente a seguir a cartilha do governo global dos mercados, desprezando sobranceiramente o contrato com o povo que o eleger.

A forma como relativiza as leis fundamentais e as decisões dos tribunais obedece a uma estratégia de confronto mais ou menos aceso, protagonizado até pelo ministro Poiães Maduro quando sugeria que o Tribunal Constitucional devia interpretar a Constituição com bom senso, entendendo naturalmente que o bom senso seria fechar os olhos às tropelias do governo. Experiente como é em matéria de direitos, não seguiu a corajosa posição de uma sua ex-colega no Tribunal de Justiça da União Europeia, a advogada-geral Sharpston, a qual, num processo bem menos significativo em matéria de decisões administrativas ilegais a pretexto de necessidade de segurança, defendeu que:

“Argumentos semelhantes são apresentados de forma não pou-

co frequente em tempos difíceis, para justificar o afastamento do princípio do Estado de direito – independentemente de isso ser feito mediante a suspensão de garantias de direitos fundamentais, a restrição da fiscalização jurisdicional ou a atenuação das consequências de tal fiscalização. Esses argumentos não têm lugar numa União Europeia regida pelos princípios do Estado de direito e cujo Tribunal tem a obrigação, nos termos do Tratado, de garantir «o respeito do direito»

O pretexto das dificuldades financeiras e a chantagem com a ameaça de não poder pagar salários, comuns no discurso do governo e dos economistas institucionais e obedientes, leva-os a denunciar como obstáculo os princípios da legalidade em que assenta a sua própria legitimidade. Este governo ameaça, por isso, a ordem social nacional e a soberania do povo e colocou-se decisiva e arrogantemente numa posição de confronto com os órgãos do Estado que têm o dever de as proteger.

É nesta alternativa de estratégias que o povo - e só ele- tem de escolher: ou submeter-se, como aluno obediente, a um governo global anónimo para quem os problemas sociais são trocos de grandes negócios ou acordar da letargia das obediências a uma elite traidora e pronunciar-se pela sua sobrevivência em dignidade como povo. Esta segunda alternativa é dolorosa, implicará sacrifícios e renúncias, mas é este o preço da dignidade nacional.

Caparica, 25 de setembro de 2013

Jornal “O Pombal” n.º 201 de 30 de Setembro de 2013



# **Angelina Barbosa Leão** **Cartório Notarial**

## **EXTRATO PARA PUBLICAÇÃO**

Certifico que por escritura celebrada no dia quatro de julho de dois mil e treze, neste Cartório Notarial, exarada a folhas 77, do livro de notas número 283, JOAO ANTERO VEIGA MEIRELES, NIF 102 517 193, e mulher, MARIA ADELAIDE TRIGO MEIRELES, NIF 129 039 373, casados na comunhão de adquiridos, ambos naturais da freguesia de Marzagão, concelho de Carrazeda de Ansiães, residentes no Bairro da Escola, s/n, Marzagão, Carrazeda de Ansiães, titulares dos Bis n.ºs, respetivamente, 3659955, emitido em 29/09/2005 pelos SIC de Lisboa e 3934780, emitido em 11/02/2005 pelos SIC de Bragança, declararam:

Que, com exclusão de outrem, são legítimos donos e proprietários do seguinte prédio, omissão ao Registo Predial:

PREDIO URBANO, composto de casa de rés-do-chão, primeiro andar e sótão com logradouro, com a área coberta de cento e oito metros quadrados e descoberta de oitenta metros quadrados, sito no Bairro da Escola, da freguesia de Marzagão, concelho de Carrazeda de Ansiães, a confrontar do norte com Armando Dias, do sul e nascente com estrada EM 636 e do poente com Fernando Nascimento, inscrito na respetiva matriz predial sob o artigo 469, com o valor patrimonial tributário de € 31.710,00 o e atribuído de igual ao atribuído;

Que não são detentores de qualquer título formal que legitime o seu domínio sobre o identificado prédio. Que, não obstante isto, o tem usufruído de boa-fé, por forma continuada e ininterrupta, à vista de toda a gente e sem oposição de quem quer que seja afetando-o à finalidade que lhe é própria, tratando e aproveitando como coisa sua que é e tudo isto por lapso de tempo superior a vinte anos, tendo vindo à sua posse por venda verbal feita aos justificantes por Antero Augusto Seixas e mulher Noémia de Jesus Magalhães, casados na comunhão geral, e residentes em Marzagão, Carrazeda de Ansiães, cerca no ano de mil novecentos e oitenta e três.

Que têm, assim, sobre o mesmo prédio uma posse em nome próprio, pública, pacífica e continua, por tempo bastante para, mesmo não documentado, o haverem adquirido, como efetivamente adquiriram, por usucapião, título, este, que não é suscetível de ser comprovado pelos meios normais.

O prédio está inscrito na respetiva matriz em nome dos justificantes.  
Porto e Av. da Boavista, n.ºs 3 521/3 477, 1.º andar, sala 103, 4100-139, doze de setembro de dois mil e treze.  
A Notária, Ana Angelina e Silva Alves Barbosa Leão

Jornal “O Pombal” n.º 201 de 30 de Setembro de 2013



## **NOTÁRIO CONSTANÇA AUGUSTA BARRETO OLIVEIRA**

Certifico, para fins de publicação que, por escritura exarada hoje, no Cartório da Notária Constança Augusta Barreto Oliveira, situado na Rua Paixão Bastos, n.º 114, Póvoa de Lanhoso, no livro de escrituras diversas n.º 135 – A, a fls. 7 e seguintes: EDP – ENERGIAS DE PORTUGAL, S.A., com sede na Praça Marquês do Pombal, 12, em Lisboa, com o N. I. P. C. 500 697 256 e igual número de matrícula na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa – Primeira Secção, com o capital social de três mil seiscientos e cinquenta e seis milhões quinhentos e trinta e sete mil setecentos e quinze euros, anteriormente designada por EDP – Electricidade de Portugal, S.A., Sociedade Aberta, declara:

Que é dona com exclusão de outrem do seguinte bem imóvel:  
Prédio rústico situado no lugar de Valeira, freguesia de Linhares, concelho de Carrazeda de Ansiães, composto de terra com mato, com a área de cento e setenta e oito mil quinhentos e sessenta e sete metros quadrados, a confrontar do norte com linha de água, nascente com Estrada Municipal Seiscientos e trinta e três e estradão da Quinta da Alegria, sul com Estrada Municipal Seiscientos e trinta e três e REN – Rede Elétrica Nacional, SA, poente com Linha do Caminho de Ferro e Rio Douro, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 4847.

Que o prédio está omissão na anterior matriz e não está descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães.

Que o atual prédio faz parte de um conjunto de prédios que foram expropriados pela então Companhia Portuguesa de Electricidade, S.A.R.L., a que a EDP sucedeu pelo Decreto Lei 502/76 de 30 de Junho, para a concretização da construção do Aproveitamento hidroeléctrico da Valeira, cujo processo correu termos no Tribunal de Vila Flor com o número trinta e um/setenta e um, e decorreu nos anos mil novecentos e setenta e um a mil novecentos e setenta e cinco, sendo expropriados Álvaro Queiroz de Moraes e mulher Maria Dulce Canavarro Caldas de Barros Ribeiro Queiroz de Moraes.

Porém a EDP - Energias de Portugal, S.A. ao promover agora o registo do prédio acima identificado, apesar do prédio se encontrar já na sua posse desde aquela data, verificou que não consta dos relacionados no referido processo de expropriação, pelo que não possui qualquer título de onde resulte pertencer-lhe o identificado prédio.

Que, não obstante, desde essa data, a sua representada por intermédio dos seus trabalhadores, colaboradores e directores, sempre tem usado e fruído o referido prédio, nele assegurando a sua manutenção e limpeza, pagando todas as contribuições por ele devidas e fazendo essa exploração com a consciência de ser a sua representada a única dona, à vista de todo e qualquer interessado, sem qualquer tipo de oposição há mais de vinte anos, o que confere à posse a natureza de pública, pacífica, continua e de boa fé, razão pela qual a sua representada adquiriu o direito de propriedade sob o mencionado prédio por usucapião, que expressamente invocam para efeitos de ingresso do mesmo no registo predial.

Está conforme.

Póvoa de Lanhoso, 23 de setembro de 2013.  
A colaboradora com autorização para este ato  
nos termos do nº1, art. 8º do DL 26/2004 de 4 de fevereiro

Ana Cristina Veloso Sampaio  
Registada sob o nº 84/3  
Conta/ Recibo registada sob o nº 2209  
Emitida fatura recibo  
A autorização para a prática de atos pelos colaboradores foi publicada em www.notarios.pt em 26/02/2013

Jornal “O Pombal” n.º 201 de 30 de Setembro de 2013



## **Conservatória dos Registos Civil, Predial e Comercial e Cartório Notarial** **de Carrazeda de Ansiães**

### **CERTIDÃO**

Certifico, para fins de publicação, nos termos do artº. 100º do código do notariado, que por escritura de justificação notarial, outorgada neste cartório notarial, em 20/09/2013, lavrada a partir de folhas cento e oito, respetivo livro de notas número setenta - C,

Manuel Trigo Moutinho, NIF 131 476 440, e mulher Maria Beatriz Trigo Moutinho, NIF 108 162 702, casados sob o regime da comunhão geral, naturais ela da freguesia de Frechas, concelho de Mirandela, e ele da freguesia de Seixo de Ansiães, concelho de Carrazeda de Ansiães, onde residem na Rua do Valado, nº 21, declararam:

Que, com exclusão de outrem, são donos e legítimos possuidores dos seguintes bens imóveis, situados na freguesia de Seixo de Ansiães, concelho de Carrazeda de Ansiães, que totalizam o valor patrimonial para efeitos de IMT de € 358,98:

Um) prédio rústico composto por terra para centeio, sito na Cabaneira, a confrontar a norte com Antónia Aguiar Gouveia, a nascente com Maria Efigénia da Glória Castro Matos, a sul com herdeiros de Adelino Augusto e a poente com Manuel Trigo Moutinho, com a área de três mil e seiscientos metros quadrados, descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães sob o número quinhentos e trinta e nove, encontrando-se lá registado a favor de Maria da Graça Martins Marcos Ferreira Crespo, casada com Luís Fernando Bettencourt Ferreira Crespo, e Maria Virgínia Martins Marcos Mira Crespo, casada com Pedro Averous Mira Crespo, conforme inscrição de aquisição sob apresentação dez de cinco de março de dois mil e quatro, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 2410, com o valor patrimonial para efeitos de IMT de € 120,69, igual ao que lhe atribuem.

Que, apesar do citado prédio estar ali inscrito a favor das referidas Maria da Graça Martins Marcos Ferreira Crespo e Maria Virgínia Martins Marcos Mira Crespo, o mesmo é pertença dos justificantes.

Dois) prédio rústico composto de terra para pastagem e amendoeiras, sito nas Cabaneiras, a confrontar a norte com Firmino Moutinho, a nascente com caminho público, e a sul e poente com António Aguiar Gouveia, com a área de seiscientos e cinquenta metros quadrados, descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães sob o número cento e quarenta e cinco, encontrando-se lá registado a favor de Jorge Guedes, viúvo, conforme inscrição de aquisição sob apresentação dois de vinte e cinco de junho de mil novecentos e noventa e seis, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 2412, com o valor patrimonial para efeitos de IMT de € 14,59, igual ao que lhe atribuem.

Que, apesar do citado prédio estar ali inscrito a favor do referido Jorge Guedes, o mesmo é pertença dos justificantes.

Três) prédio rústico composto de terra de pastagem, oliveira e amendoeiras, sito na Cabaneira, a confrontar a norte com Rosa Fonseca, a nascente e sul com José Firmino Moutinho, e a poente com Maria dos Prazeres, com a área de mil novecentos e sessenta metros quadrados, descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães sob o número cento e quarenta e seis, encontrando-se lá registado a favor de Jorge Guedes, viúvo, conforme inscrição de aquisição sob apresentação dois de vinte e cinco de junho de mil novecentos e noventa e seis, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 2414, com o valor patrimonial para efeitos de IMT de € 168,00, igual ao que lhe atribuem.

Que, apesar do citado prédio estar ali inscrito a favor do referido Jorge Guedes, o mesmo é pertença dos justificantes.

Quatro) prédio rústico composto de terra de pastagem, oliveiras, amendoeiras e árvores de fruto, com a área de seis mil setecentos e vinte e cinco metros quadrados, sito na Cabaneira, a confrontar do norte com Rosa Fonseca, do nascente com Antónia Aguiar Gouveia, do poente com Teresa Fonseca e do sul com Avelino Guedes, ainda não descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 2413, com o valor patrimonial para efeitos de IMT de € 55,70, igual ao que lhe atribuem.

Que, entraram na posse dos indicados prédios, já no estado de casados, o imóvel indicado em Um), no ano de mil novecentos e oitenta e sete, por compra verbal aos pais das titulares inscritas, Deolinda dos Anjos Martins Marcos e marido António Nascimento Marcos, que foram casados na comunhão geral e residentes em Carcavelos, já falecidos, os imóveis indicados em Dois) e Três), no ano de mil novecentos e oitenta e oito, por compra verbal ao titular inscrito Jorge Guedes, que foi viúvo e residente no Seixo de Ansiães, já falecido, e o imóvel indicado em Quatro), no ano de mil novecentos noventa e dois, por compra verbal a António Joaquim Russo, viúvo, residente em Coleja, Seixo de Ansiães, Carrazeda de Ansiães.

Que, deste modo não possuem título formal que lhes permita registar na aludida Conservatória do Registo Predial os identificados imóveis, todavia, desde os citados anos, data em que se operou a tradição material dos mesmos, eles justificantes, já possuem, em nome e interesse próprio, os prédios em causa, tendo sempre sobre eles praticado todos os atos materiais de uso e aproveitamento agrícola, tais como, amanhando-os, semeando-os, cultivando-os, colhendo os produtos semeados, aproveitando, assim, deles todas as suas correspondentes utilidades, agindo sempre como seus proprietários, quer na sua fruição, quer no suporte dos seus encargos, tudo isso realizado à vista de toda a gente, sem qualquer ocultação, de forma continuada, ostensiva e ininterrupta desde o seu início, sem qualquer oposição ou obstáculo de quem quer que seja e sempre no convencimento de o fazerem em coisa própria, tendo, assim, mantido e exercido sobre os identificados prédios, durante mais de vinte anos e com o conhecimento da generalidade das pessoas vizinhas, uma posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio, pelo que adquiriram os citados prédios rústicos por usucapião, que expressamente invocam para justificar o seu direito de propriedade para fins de primeira inscrição no registo predial, direito esse que pela sua própria natureza não pode ser comprovado por qualquer título formal extrajudicial.

Extraí a presente certidão de teor parcial que vai conforme o seu original, e na parte omitida nada há em contrário que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.  
20.09.2013. A Conservadora,  
(Ana Paula Pinto Filipe da Costa)



Jornal "O Pombal" n.º 201 de 30 de Setembro de 2013



Conservatória dos Registos Civil, Predial e Comercial e Cartório Notarial de Carrizada de Ansiães

## CERTIDÃO

Certifico, para fins de publicação, nos termos do artº. 100º do código do notariado, que por escritura de justificação notarial, outorgada neste cartório notarial, em 19/09/2013, lavrada a partir de folhas cento e quatro, respetivo livro de notas número setenta - C,

Manuel António Reixelo, NIF 175 923 221, e mulher Elvia Yese-nia Moncayo de Reixelo, NIF 234 094 150, casados sob o regime da comunhão de adquiridos, naturais ele da freguesia de Lavandeira, concelho de Carrizada de Ansiães, e ela de Guayas, Milagro, República do Equador, residentes em Otzenstr. 6, 22767 Hamburg, República Federal da Alemanha, declararam:

Que, com exclusão de outrem, são donos e legítimos possuidores de três quartas partes indivisas de um prédio rústico composto de terra de batata, centeio, pastagem, sobreiros, castanheiros,

figueira e pés de castanho bravo, com a área de seis mil cento e noventa metros quadrados, sito na Carreira Branca, freguesia de Lavandeira, concelho de Carrizada de Ansiães, a confrontar do norte com Barbara Moraes, do poente com José Teodoro, do sul com caminho e do nascente com Amancio Moutinho e caminho, ainda não descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrizada de Ansiães, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 362, com o valor patrimonial para efeitos de IMT correspondente à fração de € 683,71, igual ao que lhe atribuem.

Que é comproprietário de uma quarta parte indivisa do prédio supra indicado Manuel de Jesus Mesquita, casado com Alcina Ramos, no regime da comunhão geral, residente em Castelo Branco.

Que, entraram na posse do referido direito indiviso, por o terem adquirido por partilha da herança de Júlio Augusto Reixelo, que foi viúvo e residente na dita freguesia de Lavandeira, partilha essa feita em dia e mês que não podem precisar, do ano de mil novecentos e noventa, e que nunca foi reduzida a escritura pública.

Que, deste modo não possuem título formal que lhes permita registar na aludida Conservatória do Registo Predial o identificado imóvel, todavia, desde o citado ano, data em que se operou a tradição material do mesmo, eles justificantes, já possuem, em nome e interesse próprios, o prédio em causa, tendo sempre sobre ele

praticado todos os atos materiais de uso e aproveitamento agrícola, tais como, amanhando-o, semeando-o, cultivando-o, colhendo os produtos semeados, aproveitando, assim, dele todas as suas correspondentes utilidades, agindo sempre como seus proprietários, quer na sua fruição, quer no suporte dos seus encargos, tudo isso realizado à vista de toda a gente, sem qualquer ocultação, de forma continuada, ostensiva e ininterrupta desde o seu início, sem qualquer oposição ou obstáculo de quem quer que seja e sempre no convencimento de o fazerem em coisa própria, tendo, assim, mantido e exercido sobre o identificado prédio, durante mais de vinte anos e com o conhecimento da generalidade das pessoas vizinhas, uma posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio, pelo que adquiriram o citado prédio rústico por usucapião, que expressamente invocam para justificar o seu direito de propriedade para fins de primeira inscrição no registo predial, direito esse que pela sua própria natureza não pode ser comprovado por qualquer título formal extrajudicial.

Extraí a presente certidão de teor parcial que vai conforme o seu original, e na parte omitida nada há em contrário que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

19.09.2013. A Conservadora,  
(Ana Paula Pinto Filipe da Costa)

Jornal "O Pombal" n.º 201 de 30 de Setembro de 2013



Conservatória dos Registos Civil, Predial e Comercial e Cartório Notarial de Carrizada de Ansiães

## CERTIDÃO

Certifico, para fins de publicação, nos termos do artº. 100º do código do notariado, que por escritura de justificação notarial, outorgada neste cartório notarial, em 06/09/2013, lavrada a partir de folhas oitenta, respetivo livro de notas número setenta - C,

António Augusto Lopes, NIF 174 553 005, e mulher Maria da Luz Rodrigues, NIF 214 417 603, casados sob o regime da comunhão de adquiridos, naturais da freguesia de Zedes, concelho de Carrizada de Ansiães, onde residem na Rua Santa Bárbara, nº 4, declararam:

Que, com exclusão de outrem, são donos e legítimos possuidores de um prédio rústico composto de terra de centeio e lamei-

ro, com a área de três mil cento e vinte metros quadrados, sito no Gorgolão, freguesia de Zedes, concelho de Carrizada de Ansiães, que confina a norte com António Barbosa, a nascente e sul com caminho e do poente com Luís Manuel Bernardo, ainda não descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrizada de Ansiães, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 35, com o valor patrimonial para efeitos de IMT de € 386,40, igual ao que lhe atribuem.

Que, adquiriram o referido prédio, já no estado de casados, em dia e mês que não podem precisar no ano de mil novecentos e noventa e dois, por compra meramente verbal que nunca foi reduzida a escritura pública a Angélica dos Santos, que foi viúva e residente na dita freguesia de Zedes, já falecida.

Que, deste modo não possuem título formal que lhes permita registar na aludida Conservatória do Registo Predial o identificado imóvel, todavia, desde a citada data em que se operou a tradição material do mesmo, eles justificantes, já possuem, em nome e interesse próprios, o prédio em causa, tendo sempre sobre ele praticado todos os atos materiais de uso e aproveitamento agrícola, tais como, amanhando-o, semeando-o, cultivando-o, colhendo os produtos semeados, aproveitando, assim, dele todas as suas cor-

respondentes utilidades, agindo sempre como seus proprietários, quer na sua fruição, quer no suporte dos seus encargos, tudo isso realizado à vista de toda a gente, sem qualquer ocultação, de forma continuada, ostensiva e ininterrupta desde o seu início, sem qualquer oposição ou obstáculo de quem quer que seja e sempre no convencimento de o fazerem em coisa própria, tendo, assim, mantido e exercido sobre o identificado prédio, durante mais de vinte anos e com o conhecimento da generalidade das pessoas vizinhas, uma posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio, pelo que adquiriram o citado prédio rústico por usucapião, que expressamente invocam para justificar o seu direito de propriedade para fins de primeira inscrição no registo predial, direito esse que pela sua própria natureza não pode ser comprovado por qualquer título formal extrajudicial.

Extraí a presente certidão de teor parcial que vai conforme o seu original, e na parte omitida nada há em contrário que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

06.09.2013. A Conservadora,  
(Ana Paula Pinto Filipe da Costa)

## Quintinha do Manel

Rua Tenente Aviador Melo Rodrigues  
Carrizada de Ansiães

Restaurante, Pensão / Residencial

278617487



Restaurante

**CALÇA CURTA**

Especialidades da Casa:

Carne:

Veado, Javalí, Coelho Bravo, Perdiç e Arroz de Lebre

Peixes:

Polvo, Bacalhau, Enguias, e Peixinhos do Nosso Rio

Agência: TOTOBOLA - TOTOLOTO

ESPLANADAS DE LAZER

E PAISAGENS ESPECTACULARES

Telef. 278 685 255

5145-133 TUA

## DELÍCIA DE ANSIÃES

Rua Jerónimo Barbosa | 5140-077 Carrizada de Ansiães

● 965 307 759 ● 278 108 717

### Fabrico Próprio

- ✓ Bolos de Casamento
- ✓ Batizado
- ✓ Aniversário
- ✓ Pastelaria Variada
- ✓ Variada gama de pão
- ✓ Fofares
- ✓ Pizzas
- ✓ Cachorros
- ✓ Hamburgues



## DOCES DA PURI

Puri Fernandes

Beco do Jaime, 30  
5140-182 Parambos  
Carrizada de Ansiães  
Trás-os-Montes

Telf.: 278 685 233

E-mail: dapuri@hotmail.com

<http://docesdapurietc.blogspot.com/>

<http://www.facebook.com/DocesdaPuri>



Fátima Santos

## Património/Patrimônios

Definir património é complexo e cada vez mais difícil. Inicialmente este era entendido como um conjunto de bens pessoais, pertença de um indivíduo. Atualmente ainda pode corresponder a esta definição, mas alargou-se o conhecimento deste conceito para outras áreas, tais como, a Natureza, a Etnografia, a Indústria, a Cultura, e assim passamos a ter vários patrimónios, sendo o Imaterial o mais recente a integrar esta série.

O património Imaterial, para além de ser o mais recente, é também o que suscita, segundo Jean-Yves Durand<sup>1</sup>, uma tensão entre tradição e inovação. Será talvez porque há uma fixação que vai impedir a dinâmica evolutiva. Com o carimbo de património, os bens imateriais passam a fazer parte integrante de um novo contexto social e cultural, tendo que se adaptar às novas circunstâncias. Estas passam a ter um cariz comercial, até então desconhecido; é o que acontece por exemplo com a música tradicional, quando um músico a reinterpreta, esta passa a ter uma intenção de divulgação das raízes identitárias de um povo, de um local, mas sempre subentendida a intenção comercial.

Nos espaços rurais, a noção de “património” tem vindo a sofrer uma progressiva reinterpretação. As pessoas começaram a alargar horizontes, havendo uma crescente preocupação com o espaço envolvente, com as tradições e com certos saberes-fazer. Não se podem deixar cair no esquecimento as práticas artesanais que

já vêm desde os mais remotos antepassados, como por exemplo, no trabalho do linho, na tecelagem da lã, no contar das lendas, os jogos lúdicos (a que hoje, as crianças pouco ou nada ligam). Para além destas atividades há que não deixar totalmente de parte as atividades agro-pastoris ou a arquitetura vernacular; é necessário fazer um esforço para conciliar todos estes interesses em prol das populações locais, mas também para que o turista possa conhecer a verdadeira identidade do espaço em que se insere. Temos que recuperar o passado com vista no futuro, para que as gerações vindouras tenham a oportunidade de conhecer e transmitir posteriormente o conhecimento sobre as suas “raízes”. Todo este interesse pela preservação e pela conservação não é desprovido de uma motivação económica e de uma vontade de gestão. Como verificamos, atualmente, qualquer localidade que se prese tem uma festividade, onde os produtos artesanais e da terra se destacam dos demais. Nestes certames a música e a gastronomia também são fatores de atração turística.

É importante saber a história dos objetos e da sua relação com o homem. A valorização de um “petit patrimoine”, cheio de significados é fundamental para a preservação de muitas tradições, algumas relacionadas com o património edificado e outras com o património imaterial. Alguns exemplos: os moinhos, as fontes, os fornos, as capelas, as lendas, as músicas, entre tantos outros.

Património ou patrimônios

A criação de “ecomuseus” e museus rurais, não é uma solução única e tem que ser muito ponderada, pois apesar do empenho inicial é essencial que haja uma renovação constante do entendimento das coleções, dos objetos em si, olhá-los e questioná-los. Qual a sua função original? A sua história e a história de quem os manuseou? E tantas, tantas questões que se podem e devem colocar.

Um projeto de musealização está sempre dependente das vontades da altura; os seus fundadores implementam as suas ideias, mas depois envelhecem e não há uma atualização e renovação, o que cria espaços monótonos que não conseguem atrair públicos interessados. Os ecomuseus nestas situações acabam por encerrar. Não é difícil criar um museu local, difícil é mantê-lo no tempo, sendo que para evitar a criação de patrimônios a única opção é fecharem portas. E “patrimônios” porquê? Porque são espaços sem uma estrutura lógica de exposição, sem uma investigação rigorosa e atrativa, fato que leva à inexistência de públicos interessados, como já referimos. Outros porque se encontram em locais isolados, não sendo feita uma boa promoção do local nem uma boa programação.

A solução é certamente a inovação e a adaptação às práticas da atualidade; para isso podem reintroduzir-se os produtos tradicionais, implementarem-se políticas de animação coerentes e adequadas às temáticas do espa-

ço museológico. Numa lógica de evolução devemos acompanhar e suscitar a mudança, evitar a estagnação de ideias e criatividade, sempre com o devido apreço no que às identidades e tradições diz respeito. Julgamos que só desta forma é que o Museu não terá um papel de testemunho isolado.

Temos que despertar as sensibilidades para o fato de que é preciso mais do que uma coleção de objetos passíveis de serem musealizados; é importante guardar memórias, que mais não são do que registos da identidade seja rural ou urbana. Há que ter em atenção a questão económica, mas principalmente a questão do rigor científico e político. A seleção de objetos levada a cabo por profissionais, e estudados pelos mesmos seria a forma mais adequada para a constituição de museus com competências, principalmente na área da etnografia. A antropologia ultimamente observa mais estes museus do que intervêm neles, o que lhe permite verificar “facilmente os sinais de invenção de tradições ou de usurpação de identidades”<sup>2</sup>.

Aguardemos para ver, se os nossos museus (Centro Interpretativo do Castelo de Ansiães e Museu da Memória Rural do Vilarinho da Castanheira) em vez de fazerem parte de um património rico e enriquecedor, não se transformam em “patrimônios”...

1- Antropólogo Social, Diretor do Museu de Terras de Miranda e Professor da Universidade do Minho.

2- DURAND Jean-Yves (ed) 2006, Património / patrimônios, in Colectivo, A função Social do museu, Câmara Municipal de Montalegre, MINOM, pp. 41-53.



# Tento na Língua

por Patricia Pinto



Patricia Pinto

Mudanças de “amor”, quem não as tem?

Consecutivamente ouço falar de pessoas que sofrem de mudanças de humor. Eu retiro-me para a minha consciência interior e confronto-me a pensar que essas tais mudanças de “humor” não serão então mudanças de “amor”.

E porquê? Porque hoje amamos como uma andorinha em plena primavera e amanhã nem nos queremos lembrar que alguma vez conhecemos essa pessoa. Fazemos delas uma espécie de toalhitas descartáveis que nem para reciclagem podem ir.

Acho imperativo que a sociedade comece a redefinir o conceito de amor, de casamento, de paixão e de conhecimento.

Chega-me aos ouvidos frequentemente que é o casamento que “estraga tudo”. Mas não é culpa do casamento, “pobre coitado indefeso”. Quem estraga o casamento são as pessoas, as duas que contraíram matrimónio ou aquelas que não suportam a ideia de o mesmo estar contraído e neste ponto para bom entendedor meia palavra basta.

Talvez o problema esteja concentrado na demasiada importância que damos às opiniões de quem nunca conseguiu ser feliz e por isso mesmo acha que ninguém o pode ser.

Depois existe a tal questão que me apoquento e que desejo continuar neste

parágrafo. Então e amar é como mudar de cuecas todos os dias? Pobre coração, tão maltratado que acabas com estes caminhos sinuosos e repleto de perigos.

Quando se ama de verdade não se pensa em amar outra pessoa e quando “sem querer” nos apaixonamos por outra pessoa, aí, é porque já não amávamos de verdade a anterior.

Talvez as mudanças de “humor”, desculpas tão típicas para comportamentos menos aceitáveis estejam a ficar um pouco fora de moda. Já não servem de justificação plausível para a agressão física ou verbal a outrem. Parece que o mundo está mesmo de pernas para o ar e nós, somos os principais atores desta embrenhada toda em que nos vemos inseridos.

É traição daqui, é traição dali e a culpa foi dele e a culpa foi dela e no final de contas era o casamento que já não andava bem ou ele que sempre foi mulherengo ou ela que depois do casamento mudou e se tornou insuportável e outros fatores que tais.

Sinto-me verdadeiramente triste com este género de atitude. O amor é o sentimento mais bonito que um ser humano pode experimentar.

Até isso desejamos ver estragado? A liberdade de amar é a maior das liberdades.

Retiro-me até a uma mudança de “humor” verdadeira.





# ENTRE VINHAS

## Passeio Pedestre

*20 out'* **2013**  
pombal de ansiões

08:30 Concentração  
13:00 Almoço

Preço: Sócios 6€ | Não Sócios 7,5€

Contactos: 964 552 379 | 278 669 199 | [geral.arcpa@gmail.com](mailto:geral.arcpa@gmail.com)

